

4 (29/4/2015)

Tristeza

Atualmente denominada de depressão, por lhe dar por suporte o humor, a tristeza é uma covardia de dizer algo do real. Seu avesso, no sentido moebiano, a alegria, pode ir até a elação.<sup>1</sup>

Depressão não é sintoma, mas inibição

Em “Inibição, Sintoma e Angústia”<sup>2</sup> Freud se propõe distinguir sintoma e inibição, tal como o uso lingüístico o faz. A distinção se justifica porque existem neuroses nas quais observamos a presença de inibições, mas não de sintomas. Os dois conceitos não se encontram no mesmo plano. Uma inibição é uma restrição de uma função. Um sintoma é uma formação sintomática, um retorno do recalcado.

Freud classifica as inibições de acordo com as funções nelas implicadas: inibição sexual (impotência, frigidez...); inibição do desejo de comer (anorexia, bulimia...); inibição do desejo de dormir (insônia, pesadelos...) inibição da locomoção (astenia, fobia...); inibição do desejo de trabalhar (cansaço, falta de atenção...), inibições de autopunição (não poder ter êxito e lucro), e sobretudo as **inibições generalizadas** (luto, depressão) que justifica nosso subtítulo.

É fácil notar que o modelo que Freud utiliza para distribuir as inibições dentre as funções em questão, está de acordo com sua hipótese do desenvolvimento da libido em fases oral, anal e fálica. Assim ele chega ao conceito. Uma inibição é uma restrição de uma função subjetiva.

A finalidade de uma inibição pode ser bem específica. Tocar, escrever, andar, comer são funções objetivas. Quando estão inibidas é porque adquiriram uma significação fálica. A significação fálica é o que no dicionário se chama de significação metafórica, conotativa, em oposição à significação, literal, denotativa. Assim uma função objetiva pode, por alteração de sua finalidade se tornar uma função fálica, uma função de satisfação subjetiva.

Depressão não é sintoma, mas afeto

---

<sup>1</sup> Lacan TV IV

<sup>2</sup> Freud ISA

Lacan não negligencia o afeto. Ele aceita que um afeto concerne ao corpo, mas discorda que seja efeito de uma emoção. O afeto é efeito da linguagem. Ele crê que seu conceito de inconsciente estruturado como uma linguagem verifica melhor o afeto do que a ideia de adequação. Discorda da ideia de separar afeto e intelecto. A tristeza, a depressão desde que se aceite que é um afeto está sujeito à metonímia ou transnomação que consiste no emprego de um termo por outro, dada a relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles. A tristeza, a depressão é um afeto, uma paixão da alma. As paixões da alma passam pelo corpo. Lacan prefere conceber a tristeza como falta moral, como pecado, no sentido de Dante que diz que é no inferno que se encontram os homens tristes que condescendem como que por inércia na satisfação pela via do sofrimento. Trata-se de autopunição, de sentimento de culpa.

Na tristeza, na depressão trata-se de *acedia*, do não cuidar de si, de se colocar como se nada lhe dissesse respeito. Resulta disso o tédio (*ennui*) que acomete o sujeito triste e que é preciso combater com a receita de Spinoza, isto é, estabelecer a relação entre a paixão da tristeza e a ética do bem dizer. A tristeza, a depressão é *rejet* (rejeição, forclusão) do inconsciente, do dever de bem dizer, ou de orientar-se no inconsciente, na estrutura de linguagem. Assim o tédio (*ennui*), por um anagrama, pode tornar-se união (*unien*), identificação do Outro com o Um, identificação tórica ao contrário da identificação fálica, amorosa, que quer de dois fazer Um. O desejo do Um (do mesmo) é idêntico ao desejo do Outro (do outro) porque tem a mesma condição, a mesma causa de desejo, o objeto *a*. O que o outro tem é o que falta ao mesmo e o que causa a tristeza.

### Abjeto objeto

Luto e depressão<sup>3</sup> é uma teoria sobre a falta do objeto. Diferem em três aspectos: da abjeção, da disposição e da ignorância.

Freud tem sempre um modo muito curioso de abordar os léxicos psicanalíticos. Ele começa a examinar o tema da depressão, neste artigo, lançando mão de uma espécie de proporção: o sonho está para a paranóia assim como o luto está para a depressão.

É seu modo de tentar ficar de acordo com a tese vigente em psiquiatria que consiste em procurar na série dos sintomas diversos a série depressiva. É sua tentativa de demonstrar,

---

<sup>3</sup> Freud Luto e melancolia

com efeito, que há uma falta real de objeto que, de algum modo, justificaria a universalidade do afeto depressivo.

A depressão é um trabalho de elaboração da verdade através do sintoma. É um tipo de interpretação hamletiana: dê a cada homem o que merece e quem escapará do açoite? São suas condições: a falta do objeto, a indecidibilidade do sujeito e a inversão do gozo.

É notável a satisfação do depressivo no que diz respeito à abjeção. Como se sabe, a idéia de Freud é que a auto-abjeção do sujeito depressivo é um deslocamento da abjeção do objeto.

Sua queixa é um queixume. O que ele diz de desairoso sobre si refere-se ao outro, ao objeto. Trata-se da identificação do sujeito com o objeto perdido. O sujeito só pode assassinar a si mesmo se estiver identificado ao objeto, se tiver idealizado o objeto, como na paixão. Podemos alcançar o que isso significa se atentarmos para o mais-de-valor que assume o objeto na paixão (e na paranóia) se atentarmos ao fato de que o eu (o mesmo) é um objeto tal como o outro.

É necessário discernir a relação entre a falta de objeto e a falta de um objeto. O que me parece decisivo para a escolha da solução depressiva é a condição da constituição do sujeito em relação à falta de objeto. Parece-me que é esse o problema da identificação narcísica, quer dizer, do narcisismo primário, que não existe porque ainda não existe eu. O problema reside na indecidibilidade de certos sujeitos em relação à escolha de objeto. Esse parece ser um problema estrutural. Freud o formulou recorrendo ao que há de estruturalmente triste no sujeito do inconsciente, isto é, ao que há de indecidível para aquele cujo ser é a sutura de uma falta, para aquele cujo axioma é que a falta do Outro [S(  $\Delta$ )] é um estado permanente.

Temos também de levar em conta a relação, porque o entusiasmo maníaco parece indicar bem que este é o caso em que o sujeito consegue o triunfo sobre o objeto. O entusiasmo maníaco é o avesso moebiano da inibição depressiva.

Desse modo, podemos dizer que a posição do sujeito deprimido é a de não consentimento com a falta permanente do Outro, e que a dor de existir procede da própria rejeição do inconsciente. Se seguimos as indicações de “Televisão”, “o que temos aí é o retorno no real do que é rejeitado da linguagem: é a excitação maníaca por meio da qual esse retorno se torna mortal”.

Podemos notar a equivalência existente entre os conceitos de depressão, de vazio, de luto, de perda e de falta que finalmente Lacan preferirá chamar de furo (*trou*), a fim de passar da dimensão do que falta ao sujeito à dimensão do que falta à própria estrutura de linguagem.

#### Disposição à falta

Tentando dar conta do trabalho do luto, Lacan recorre a Shakespeare<sup>4</sup>. Hamlet está sempre na hora do Outro, disse, para indicar que a dependência do sujeito ao significante não lhe dá garantia de poder dizer toda a verdade. O que falta a Hamlet, o que falta ao homem, o de que o sujeito está privado é desse significante que é um objeto. O que torna-se objeto do desejo é condicionado por essa falta de um significante na estrutura. O diálogo com Laertes antes do duelo, mostra que aquele que mais admiramos é aquele que devemos matar. O momento crucial dessa relação ao objeto se passa na cena do cemitério. Hamlet não pode suportar a admiração de Laerte por sua irmã Ofélia. A ostentação do luto de Laerte lhe provoca a rivalidade. E é aí que Lacan situa a relação entre o luto e a constituição do objeto. Antes Hamlet tratava Ofélia de uma maneira depreciativa e cruel. Ela era o símbolo da rejeição do seu desejo. De súbito, esse objeto adquire seu valor. Lacan é, então, levado a enunciar que é na medida em que o objeto de seu desejo tornou-se um objeto impossível que volta a ser objeto de seu desejo. O que vale especialmente para o obsessivo mas vale também para qualquer que seja o sujeito. Lacan deixa um pouco de lado a consideração do trabalho de luto em termos de identificação, de incorporação do objeto, para nos propor a sua solução: quando se perde o objeto se experimenta a dimensão mais intolerável da experiência humana. O furo dessa perda, que provoca em uns o luto, em outros a depressão, está no real e entra por aí numa relação que é inversa àquela da *Verwerfung*. Em ambos os casos, seja no caso da falta de um significante no simbólico ou do furo no real, há mobilização do significante. Este furo no real oferece o lugar onde se projeta o significante que falta, significante essencial à estrutura do Outro.

---

<sup>4</sup> Lacan Seminario 6 22/4/1959

Gostaria de me permitir pensar que o nome dessa forclusão no real é a *Versagung*<sup>5</sup> freudiana, que se traduz habitualmente por frustração, mas que seria melhor traduzi-la, segundo certas indicações etimológicas, por desdita. Vemos aí a presença do verbo sagen, dizer, e a dimensão de rechaço que comporta esse prefixo Ver, des.

A *Versagung* é primária, inaugural em relação a estas categorias da falta do objeto: castração, frustração e privação. Lacan indicou que não convém traduzi-la por frustração mas por denúncia, renúncia, promessa e ruptura de promessa. Em particular à *Versagung* primária propôs traduzir por recusa, rejeição, dizer-que-não.

Esse não se opõe ao sim no nível primário, no nível da *Bejahung*. Há outras modalidades de rejeição, modalidades lógicas de negação.

O conceito de primário é aqui muito precioso. Primário é sempre, na teoria analítica, o que não existe, o que é mítico, o que é axiomático. É um dos nomes do real no sentido do que há. O que é primário é sem conteúdo. É o que é impossível de calcular, o que só chega de modo contingente. Depois há alíngua, sem a qual nada poderia ser dito. Depois o semelhante. A *Versagung* é primária. É o objeto real, isto é, a falta real de objeto, que se poderia também chamar de furo da linguagem.

### Ignorância da perda

A economia da depressão é semelhante em quase tudo à do luto exceto quanto ao fato de que a natureza da perda na depressão é mais real que a do luto. Na depressão o objeto perdido é incógnito. Não se sabe o que se perdeu. Essa é uma distinção importante entre luto e depressão: a perda sabida e a não-sabida. A inibição e o desinteresse no luto é manifesta; na depressão é subjetiva.

É isso o que Freud denomina de perda da auto-estima. O sujeito deprimido se devasta, se julga desprezível, se repreende, se envilece, se degrada, quer ser expulso, quer ser punido, se culpa. Sente comiseração por sua família estar ligada a alguém tão desprezível. Seu enunciado clássico poderia ser: “arruinei minha família”.

---

<sup>5</sup> Lacan Escritos p463 e Seminário 6 29/4/1959

Esse delírio de auto-devastação é efeito do trabalho subjetivo do luto. Certamente o sujeito que se auto-envilece diz a verdade sobre si mesmo, ou, pelo menos, dispõe de uma visão mais penetrante da verdade. Quando, devido a sua exacerbada autocrítica, alguém se descreve como pusilânime, pode estar muito perto da verdade, porém, cabe perguntar, por que é preciso “adoecer” para ter acesso a essa espécie de verdade? De fato, tal como Hamlet, aquele que sustenta uma tal opinião sobre si mesmo, quer seja verdadeira ou falsa, está “doente”.

A auto-acusação do deprimido não se justifica da realidade, mas de um gozo do auto-desmascaramento. Portanto, não se trata de saber se o sujeito faz uma autocrítica correta de si mesmo do ponto de vista objetivo mas subjetivo.